

SERES LENTOS E VIDA URBANA: MAPAS DO ACOLHIMENTO DA AV. 18 DE JULIO EM MONTEVIDEO

TAÍS BELTRAME DOS SANTOS¹; EDUARDO ROCHA².

¹Universidade Federal de Pelotas – tais.beltrame@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – amigodudu@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

As cidades contemporâneas latino-americanas, em toda sua história, foram perpassadas por um processo de globalização em massa. Produzidas por relações de consumo e controle homogeneizadores, carregam no seu cerne um planejamento sedentarizado e espetacularizado, que ignora as dinâmicas minorizadas de um território plural (SANTOS, 2002; JACQUES, 2012). Ao lado da produtividade veloz, que controla a política, a economia, a indústria e a cultura de massa estão os homens rápidos. São de uma escala-tempo que não reconhece as fronteiras, as minúcias e os territórios subjetivos. Exploram, difundem e renovam os desejos, as angústias e o reconhecimento dentro de uma estética global.

Em contrapartida, produzindo solidariedade na contiguidade do lugar, e desafiando a perversidade difundida pelos tempos da competitividade, estão os seres lentos (SANTOS, 1997). Por não alcançarem, ou não quererem alcançar, os sistemas orquestrados pelos tempos rápidos, são também responsáveis pelas práticas inventivas que insistem em ativar os espaços e produzir alteridade (JACQUES, 2012). Subversivos e potentes, criam táticas de sobrevivência banalizadas pelos tempos rápidos (CERTEAU, 1998). São atores de uma outra malha, de um outro sistema, mediocrizado e escanteado pelas leis abstratas daqueles que planejam e produzem as cidades.

Sendo impossível controlar todos os fatores e atores, a coexistência desses tempos se desdobra diariamente no centro das grandes cidades. Buscando compreender as dinâmicas que compõem e qualificam a vida urbana, a presente pesquisa se propõe a experimentar a Avenida 18 de Julio, em Montevideo. A proposta expande-se em um território complexo: uma rua que hoje possui um grande número de bens patrimoniais e interliga um sistema de espaços públicos. A escolha da rua é um tanto perversa, entretanto, não se pode pensar em uma via – principalmente se essa for considerada como uma extensão da Calle Sarandí – que abrigue de forma tão acolhedora as coexistências.

Tendendo a um urbanismo consolidado e fechado, ambas as ruas se abrem para as trocas e os encontros, seguindo à risca alguns princípios de espetacularização, mas também subvertendo-os. Por isso, são exemplares para refletir sobre o tema, que objetiva produzir pistas para o urbanismo contemporâneo que acolha os tempos lentos e adeque-se às vivências urbanas do sul da América do Sul, no centro de uma grande cidade. Esse estudo tem o intuito de compreender outras formas de produzir cidade para suscitar outras formas de planejar o centro dessas cidades.

A pesquisa é possibilitada por uma metodologia aberta e complexa: a caminhografia. Caminhografar é cartografar – no sentido de registro do que pede passagem (GUATTARI; ROLNIK, 1996) e caminhar, concomitantemente. Uma proposta metodológica que percebe, no tempo da caminhada, a possibilidade das forças que compõem a vitalidade urbana. A caminhografia é expressa por um olhar viajante – como um movimento da Pedagogia da Viagem, que através de mapas do acolhimento (FUÃO, 2014a) conta sobre o seu percurso.

2. METODOLOGIA

Afastando-se de tudo o que se propõe como unitário e universal, a Cartografia, como forma de pensamento rizomática, proposta por Deleuze e Guattari (1995), abre-se às incertezas e processualidades, e aproxima-se de uma realidade em constante movimento. Propondo a composição de mapas abertos, inesgotáveis e conectáveis, coloca-se como um método de pesquisa-intervenção na concepção de Eduardo de Passos e Regina de Barros: “A cartografia é o traçado desse plano de experiência, acompanhando os efeitos (sobre o objeto, o pesquisador e a produção do conhecimento) do próprio percurso de investigação” (2009, p. 17–18). Reordenando seus objetivos enquanto vivencia o percurso, a cartografia explora os desejos e pulsões que atravessam um caminho, e sobretudo um corpo: o do pesquisador.

Dentro dessa perspectiva epistemológica, e avançando para o plano de uma Pedagogia da Viagem (DETONI *et al.*, 2018), a pesquisa emerge no plano da experiência através do deslocamento do corpo para compor mapas moventes: vai a Montevideo. Os registros do percurso são dados em mapas do acolhimento. Esses permitem o registro dos convites a ficar da hospitalidade, e dos medos que colocam a correr, da hostilidade e das ações que transformam um espaço em lugar de acolhida e receptáculo de com-vivência. São instrumentos de comunicação que abrigam espaços, sentimentos, e estruturas que divagam entre o concreto e o abstrato. São uma relação com o espaço construído, com a arquitetura, mas, sobretudo, com aqueles que habitam e personificam os lugares (FUÃO, 2014b).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Influenciada pelo clima, desembarquei em Montevideo no começo de outubro de 2019. Percebe-se de pronto, que em um centro de espaços abertos e poucas áreas cobertas, em dias de chuva e vento forte, o comércio é hospitaleiro, e faz-se pequena enseada, uma forma acolhedora, em que é fácil chegar e sair, e perceber o horizonte à frente (PAESE, 2016, p. 146). O comércio é uma pausa, uma pequena espera, sempre aberta ao estrangeiro, que convida, mas ao mesmo tempo expulsa. Acoberta. Já as praças, abertas e descobertas, são reta “onde tudo tem uma saída” (PAESE, 2016, p.145). E as marquises, grandes linhas cobertas que se estendem principalmente em edifícios institucionais, ou de serviços, configuram uma espécie de pequenas enseadas, que acolhe tanto o caminhante, quanto o vendedor para-formal, tanto o esperrante, como o errante.



Os tempos rápidos das ruas, em dia de chuva, pertencem àqueles que têm guarda-chuva e galochas, e correm, individualizando o espaço por onde passam.

Já nos dias de sol, as ruas, repletas de mobiliários urbanos, se enchem. Se fazem um campo de enseadas, principalmente na Calle Sarandi, onde os diversos produtos, apresentações e sentidos se sobrepõem, fervilham. Misturam-se os usos, os produtos, as folias. As ruas se tornam palco do comércio informal. Os espaços públicos se tornam convite ao estar, ao ficar, ao conversar. Entre um turno e outro, na espera do transporte público, ou no entre do horário de trabalho, as praças se enchem. Todo espaço parece ser lugar da espera por um acontecimento. O tempo fica mais lento. Os espaços abertos, bem como as ruas peatonais, se configuram como um sistema de enseadas e retas, e por vezes enseadas complementares. Algumas conexões entre a Av. 18 de Julio e as ruas paralelas fazem-se penínsulas, retas e concavidades do curioso que quer ir até o final. O comércio formal se esvaece.

Nota-se uma relação evidente entre o uso do espaço privado (tipo de comércio e/ou serviço formal) e o uso do espaço público (tipo de comércio para-formal). Grandes lojas globais, são relacionadas a comércios paraformais mais equipados – com carrinhos desmontáveis, localizados de frente para a calçada, estabelecidos. Nas proximidades da Av. General Artigas, evidencia-se uma arquitetura menos verticalizada. Embora a rua continue com seu caráter comercial, a repetição dos comércios, formais e para-formais, para de se dar de forma tão regrada. O plano especificado de divisão e uso do espaço se flexibiliza e se sobressaem comércios formais menores e mais territorializados. Em contrapartida, encontra-se um menor número de vendedores informais sedentarizados ou ambulantes, mas o número de moradores de rua aumenta. Esses fatos podem também ser influenciados pelo estreitamento das calçadas. A relação de abandono entre a arquitetura e a individuação do espaço público é evidenciada. A desestabilização da função arquitetônica gera ruídos na paisagem urbana. A relação com o espaço público, e a ressignificação do mesmo, é transformada também pela recorrência das diferentes feiras, que propulsionam encontros – seja nas praças, nos parques, ou ainda em diferentes ruas, como a tradicional Feira Tristan Narvaja.

4. CONCLUSÕES

O método utilizado, principalmente no que tange ao uso da caminhografia e dos mapas elaborados, permitiu vivenciar a influência direta do clima nas formas de acolhimento e ocupação das ruas. Encaminhando para a necessidade de repensarmos a arquitetura no centro das grandes cidades. Se marquises e outras coberturas lineares protegem do sol forte e da chuva, por que não pensarmos, a partir delas, cidades mais gentis com seus pedestres? Respiros são necessários na solução de um caos urbano acelerado. Entretanto, há de se ter cuidado com as estruturas normatizadas ou fixas que podem espetacularizar os cenários populares. Mobiliários urbanos móveis são importantes dispositivos de

territorialização. Acolhem os para-formais e os errantes, e transformam espaços abertos em “lugares enseadas”.

Poderia-se fazer infinitos diários, fotografias, ou ainda mapas do acolhimento, e em todas as situações postularia-se diferenças, fato que apenas evidencia o nomadismo dos seres lentos. Entretanto, como rastros da para-formalidade, nos diversos cenários possíveis, também se encontram evidências de uma malha consolidada, de territórios bem circunscritos. Parece que só modificaremos, de fato, as relações que temos com os espaços públicos, quando percebermos que as ruas e praças não são territórios de ninguém, mas sim, de todo mundo. Quando enchermos as ruas de subjetivações coletivas que as amplie. Quando dermos espaços e “coberturas” para que os encontros aconteçam. Isso requer um trabalho minucioso e repetitivo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia vol.1**. 2. ed. São Paulo: editora 34, 1995.
- DETONI, Luana Pavan *et al.* A EXPERIÊNCIA DA PEDAGOGIA DA VIAGEM NA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAY. **InSitu**, [S. l.], v. 4, 2018.
- FUÃO, Fernando Freitas. Esperrância: o lugar da espera e da errância. *In*: (Fernanda Bernardo, Org.) 2014a, Coimbra. **Colóquio Internacional de Pós-Graduação em Desconstrução. Heranças e Promessas da Desconstrução**. Coimbra: Fac. de Letras da Universidade de Coimbra, 2014.
- FUÃO, Fernando Freitas. As formas do acolhimento na arquitetura. *In*: SOLIS, Dirce; FUÃO, Fernando Freitas (org.). **Derrida e Arquitetura**. 1. ed. Rio de Janeiro: EDURJ, 2014 b. *E-book*. Disponível em: <https://fernandofuao.blogspot.com/2015/07/httpwww.html>
- GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica:cartografias do desejo**. 4. ed. Petr: Editora Vozes, 1996.
- JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes**. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2012.
- PAESE, Celma. **Contramapas de acolhimento**. Porto Alegre: [s. n.], 2016.
- PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do método da cartografia. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 17–31.
- SANTOS, Milton. **Técnica Espaço Tempo**. 3. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. 4 ed. 1 re ed. São Paulo: EDUSP, 2002.